

GUILHERME NASCIMENTO GIMENES DE ARAÚJO

O GRITO DE UM SER CANTANTE:

A correlação entre os espaços de trabalho na performance vocal, a autonomia nos processos artístico-pedagógicos e a música de concerto no século XXI

Trabalho de Conclusão de Curso

São Paulo

2023

GUILHERME NASCIMENTO GIMENES DE ARAÚJO

O GRITO DE UM SER CANTANTE:

A correlação entre os espaços de trabalho na performance vocal, a autonomia nos processos artístico-pedagógicos e a música de concerto no século XXI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharelado em Canto e Arte Lírica.

Orientadora: Susana Cecília Igayara de Souza

São Paulo

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

*“Enquanto a nossa meta não for atingida,
Continuamos gritando o nosso canto
Enquanto nossa música não voltar ao que é
Nós lutamos, faz escuro mas nós cantamos
O amanhã tá breve
Vamos cantar logo, logo o que é nosso
Porque mais que nunca
É preciso cantar o que é nosso”*

(Luiz Eça e Ronaldo Bôscoli)

(Eternizado pela voz de Elis Regina)

AGRADECIMENTOS

Um singelo agradecimento a todos os amores; aos olhares, as escutas e as palavras.

O que aqui escrevo, são de muitos.

O que aqui escrevo é o significado de todas as probabilidades; de todas as possibilidades
presentes e ausentes.

RESUMO

GIMENES DE ARAÚJO, Guilherme Nascimento. **O GRITO DE UM SER CANTANTE: A correlação entre os espaços de trabalho na performance vocal, a autonomia nos processos artístico-pedagógicos e a música de concerto no século XXI.** 2023. 30 Páginas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música – Canto e Arte Lírica) – Departamento de Música, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Resumo: A trajetória de um performer da música de concerto tem grande influência dos moldes tradicionais do século XX – sejam eles influenciados pela pedagogia vocal, pelo academicismo advindo do conservatório de Paris, presentes ainda hoje, ou seja pelo ritual presente nas salas de concerto. As perspectivas implícitas da profissão, por ora ilusórias, nos afetam com possibilidades pseudo glamorosas e eurocêntricas dos campos de trabalho - evidentemente distantes das realidades enfrentadas por estudantes e profissionais deste ramo, no Brasil. Como reflexo, muitas vezes caracterizado pela ansiedade, o medo do palco e a desmotivação com este tipo de atividade laboral, proponho uma reflexão sobre o reconhecimento sinuoso deste caminho e como o desenvolvimento técnico-artístico de um corpo negro pôde criar seu enredo, seus cenários, perceber seus processos construtivos e autodestrutivos de forma ativa no diálogo de questões que o afetam enquanto um espaço de discussão sobre seu tempo e sobre o binômio arte e política.

A percepção da arte-performance nesta geração compreende lidar com a digitalização, com novos espaços de diálogo e sobre novas possibilidades de aprendizado e construção do artista enquanto um indivíduo correlacionado ao ecossistema político social que o constrói e o rodeia.

Palavras-chave: Arte-Política. Autonomia. Música de concerto. Escrevivência. Mercado de Trabalho.

ABSTRACT

Abstract: The career of a concert music performer is heavily influenced by the traditional molds of the 20th century – whether they are influenced by vocal pedagogy, by the academicism coming from the Paris conservatory, which are still present today, or by the ritual present in concert halls. The implicit perspectives of the profession, often illusory affect us with pseudo glamorous and Eurocentric possibilities of the fields of work - evidently far from the realities faced by students and professionals in Brazil. As a reflection, often characterized by anxiety, stage fright and demotivation with this type of work activity, I propose a thought on the winding recognition of this path and how the technical-artistic development of a black body could create its plot, its scenarios, perceiving his constructive and self-destructive processes in an active way in the dialogue of issues that affect it as a space for discussion about his time and about the binomial art and politics.

The perception of performance art in this generation comprises dealing with digitization, with new spaces for dialogue and with new possibilities for learning and constructing the artist as an individual correlated to the social political ecosystem that surrounds this construction.

Key-words: Art-Politics. Autonomy. Concert music. Escrevivência. Job market.

Sumário

Sumário

LISTA DE FIGURAS	10
ABERTURA DA ÓPERA: INTRODUÇÃO AO DRAMA.....	11
ATO 1: INSPIRAR, ou o que vem de fora.....	12
CENA 1: GERAÇÃO MIMIMI E O NOVO NORMAL.....	12
CENA 2 ou EPIFANIA: O RINGUE E A SUPREMACIA DO BOM	13
CENA 3: CAVALOS DE TRÓIA	15
CENA 4: A LOUCURA: ATÉ ONDE MINHA VOZ IRÁ PROJETAR?.....	17
ATO 2: EXPIRAR, ou o que vem de dentro.....	19
MEMÓRIA 1: DO CORPO INVISÍVEL	19
MEMÓRIA 2: LIGUE OS PONTOS PARA UM DESENHO SER (RE)CONHECIDO	21
UM ESPELHO QUE PERCEBO E CONSTRUO.....	24
MONÓLOGO: O ANTÍ-CURRÍCULO E O ‘CAÇA COM GATO’	26
UM TEXTO PARA MIM E PARA OUTROS EUS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

LISTA DE FIGURAS

- Fig. 1 - A mulher do metro, liberdade, *figura do autor*.....p.19
Fig. 2 - Individualidade do artista, *figura do autor*.....p.27

ABERTURA DA ÓPERA: INTRODUÇÃO AO DRAMA

O enredo é centrado em São Paulo, Brasil, num século XXI pandêmico em diversos âmbitos, não somente de infecções respiratórias. A aderência do termo ‘novo normal’ atinge todos os segmentos sociais, principalmente a pequena casta de cantores de música de concerto – o mesmo ar que propicia nosso ofício nos sufoca dentro do isolamento: - ‘E agora?’. Perceber a realidade torna-se obrigatório para nossa sobrevivência – uma utopia glamorosa de um imaginário social não tão condizente com o real, tal como carreiras ilustres de Maria Callas, Luciano Pavarotti ou das novas divas do mercado musical como Anna Netrebko ou Elina Garanca, garantindo-lhes claramente todos os devidos méritos artísticos.

O Leitmotiv¹ que escutamos em nossos cenários particulares diluem sentimentos e sensações sobre o que há por vir. As janelas dos quartos viraram confessionários e as paredes, ouvidos que apenas consentem diante tantos questionamentos: Será possível voltar a trabalhar como antes? Será possível voltar a trabalhar? Será possível, voltar? Será? Assim como nos filmes ou nos livros de história, tantos personagens que somem de um dia para outro.

Os pensamentos sobre sobrevivência se entrelaçam cada vez mais com questões que não eram tão recorrentes quando o cenário era apenas o campus da universidade, pois ainda há vida lá fora. Quantas pessoas negras reconhecemos nas principais casas de concerto em São Paulo? Quantas pessoas trans pudemos prestigiar em papéis principais ou secundários? Quantos pedagogos estão preparados para este novo tipo de diálogo sociocultural? Quantas pessoas plurais tem possibilidade de aprendizado de qualidade? Quantas oportunidades temos para abrir novos espaços de diálogo e de trabalho? Qual a interseção e diálogo entre as mais diversas expressões artísticas existentes nos diversos polos socioculturais de São Paulo?

Mais do que respostas, claramente óbvias e complexas de nosso contexto histórico e social, proponho ao decorrer deste drama um olhar condizente com o que vejo, com o que absorvo de minha comunidade e com o que sinto, sobre a exploração do aprendizado da música de concerto em um contexto autônomo de criação de possibilidades e espaços para uma transformação social.

¹ Leitmotiv, do alemão ‘motivo condutor’ é um termo utilizado na música para introduzir ou conectar pequenos trechos melódicos e/ou rítmicos a estruturas da trama, sejam elas personagens, dramas, sentimentos ou espacialidades.

ATO 1: INSPIRAR, ou o que vem de fora

CENA 1: GERAÇÃO MIMIMI E O NOVO NORMAL

Na primeira cena desta dramaturgia somos apresentados ao ambiente desta ópera: os personagens, os elementos cenográficos, o contexto apolítico em total estado de catástrofe, a alta na inflação e na taxa do câmbio, crises energéticas, hidroelétricas e petrolíferas, aos arredores, uma guerra em andamento e infelizmente a dor latente das perdas - elementos suficientes para tantos dramas qual não caberiam citar todos aqui. A gênese dos personagens é delineada pelo medo, desorientação, solidão e esperança.

A internet, personagem importantíssimo para que o ‘show pudesse continuar’, propiciou novas construções de sociedade e de paradigmas a serem debatidos. Novos diálogos sobre saúde mental, preconceito racial, afetividade e identidade sexual e disparidade entre gêneros foram postos em mesa, discussões muitas vezes conflitantes com estigmas tradicionais e conservadores, nomeados pelo tal como ‘geração mimimi’. As bolhas sociais, binômios que segmentam nossa sociedade - o rico e o pobre, o central e o periférico, o humanitário e o individualista, a ciência e o negacionismo - eclodem em conflitos cibernéticos sobre preconceitos, costumes e morais a favor ‘do homem de bem’². A evolução da tecnologia rapidamente toma partido e novos protocolos de conectividade e afinidade são estabelecidos, formando novas bolhas sociais, chamadas de algoritmos³ - diga-se de passagem, em momentos para o bem de nossa saúde mental.

Havia uma percepção no imaginário coletivo que diante tantos embates psicológicos o que viria após os períodos mais duros da pandemia fossem transformadores. Entraríamos na revolução do agora, a presença transformaria a sociedade num coletivo; a percepção de que o outro é importante ou a conscientização de que a arte tem um papel gigantesco na manutenção psicossocial, sendo ela um afago ou um bisturi que abre feridas a serem percebidas e cicatrizadas com novos olhares sobre o mundo, e não somente mero entretenimento.

² Termo identitário do movimento TFP - Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, entidade religiosa e política conservadora criada em 1960 qual conclamou as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, fatídica manifestação que colaborou com a inserção da ditadura militar brasileira em 1964.

³ Algoritmo é um conjunto de ações programadas em um computador afim de propor soluções a determinadas situações. Nas redes sociais essa função permite, por exemplo, que uma lista de interesses voltado para determinado usuário seja aplicado de forma mais eficiente.

A tecnofobia⁴ era um indicador de que um respiro seria necessário após o consumo exacerbado de mídias sociais, aplicativos e os desgastes gerados através das adaptações e revoluções nos mercados de trabalho.

Um lapso no tempo é aberto. O cenário do futuro foi construído com as mesmas ruínas do passado.

CENA 2 ou EPIFANIA: O RINGUE E A SUPREMACIA DO BOM

Um café, uma poltrona e mais questionamentos em cena. O personagem principal decide refletir sobre as influências que o cercam – a música, o teatro, o cinema, a literatura e seus respectivos desdobramentos na produção audiovisual. Ao abrir o Youtube, percebe que a música ‘A Queda’ da artista Drag Queen⁵ Gloria Groove atinge 26 milhões de visualizações (17 dias de lançamento, novembro de 2021), enquanto a música que escuta em seu delírio, Paixão Segundo São João, de J. S. Bach (BWV245), possui 1.5 milhões de visualizações (3 anos de publicação, novembro de 2021). O que faz tal disparidade no alcance entre duas músicas distintas com diversas qualidades dentro de suas propostas? Levando em conta, claramente, que o questionamento é influenciado pela grande elevação de acessos durante os períodos de pandemia e pela grande segmentação de número de acessos de que a mesma obra, BWV245, possa ter em diversos links de divulgação. Por um lado, a sagacidade de uma indústria audiovisual, percebendo tendências e oportunidades ao criar um produto baseado numa obra de arte total – o antigo conceito *Gesamtkunstwerk*⁶, restrito às casas de teatro é repaginado com elementos da dança, da música, do teatro, cenografias, maquiagens e cenários exuberantes e um texto atual que provoca reflexão quanto ao panopticismo⁷ de *Michel Foucault* evidente no anonimato digital. Por outro lado, uma obra também genial dentro do momento que foi proposto com diálogos férteis até a atualidade, porém engessada enquanto possibilidades de exploração e ouso aqui citar: a obra não é a culpada, tão pouco o compositor. Fatores criados por uma hegemonia europeia conservadora enquanto costumes, extremamente rígida em seus

⁴ Tecnofobia é o termo para denominar o medo ou rejeição na utilização de eletrônicos, sejam hardwares, como o computador, ou softwares (aplicativos).

⁵ Drag Queen: Termo utilizado para expressão artística realizada ao performar papéis de gênero.

⁶ *Gesamtkunstwerk*: Conceito estético advindo do período romântico alemão do século XIX. O compositor Richard Wagner associa o termo à conjunção da música, dança, artes plásticas e o teatro presente em suas óperas.

⁷ Panopticismo: Baseado no projeto arquitetônico de Jeremy Bentham de uma ‘penitenciária ideal’, o termo é utilizado por Michael Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*, de 1975. Ela descreve os mecanismos de vigilância, poder e domesticação de uma sociedade ocidental moderna.

protocolos e rituais, engajados com as manutenções de seu poder ganha surdez e cegueira diante dos diálogos escancarados e as possibilidades do século XXI.

Aqui estabelecemos o grande embate: o ‘bom’ contra o ‘ruim’, o ‘clássico’ contra o ‘extravagante’, o ‘erudito’ contra o ‘popular’; uma outra esfera entre as definições políticas de direita ou de esquerda refletidas nos ideais de beleza, do perfeito ou decadente e degenerado. A representação formal de classes sociais dispostas em expressões musicais, como se não pudessem dialogar, de forma singular ou inter-relacionadas, com os indivíduos que as consomem e os espaços em que são performados. Entendemos então que a crítica ao que é definido chulo é uma renovação dos ideais nazistas, relativizando diversos preconceitos baseados única e exclusivamente na retórica do “bom gosto estético” (ALVESDESOUZA apud LOPES, 2022, P.3)

O café esfria. Amargo e gelado, tal como perceber que a arte enquanto veículo de reflexão e transformação – melhor pensando, os que se utilizaram dela, podem enviesar tantos afastamentos, fomentar diferenças por caminhos tão pouco humanos.

Pintei meu artista de forma tão utópica. Era um mundo perfeito. Com o tempo, e muitos copos de café, vamos percebendo que o palco é só a ponta do iceberg. É como precisar aprender infinitas línguas para poder compreender e se comunicar com o mundo real. Tem gente que não consegue conversar. E tem gente que não quer mesmo.

Anotações de início de graduação

CENA 3: CAVALOS DE TRÓIA

A internet, a multimídia e a revolução da presença. Não viemos negar os antigos rituais de escuta ou apreciação, mas perceber que os diálogos foram reinventados com a atualização da tecnologia e no modo como a sociedade se relaciona. Na arte não poderia ser diferente – ou ao menos não deveria. Os espaços já garantidos para a tradição continuam, como percebemos frequentemente nos moldes dessa manutenção hegemônica.

A eclosão do contemporâneo nas artes tem a ver com um momento de ascensão, uma espécie de cosmopolitismo...o conceito da globalização é adequado à esta concepção desta arte contemporânea, que seja mais livre e se desobre livremente, não existem coerções formais as quais o artista moderno estaria submetido (DUARTE. 2010).

Num primeiro viés, a explosão dos espaços já estabelecidos: A expansão da sala de concerto para outros espaços, outros públicos, enquanto encontro de possibilidades. Afetar. Nesta primeira reflexão ou prática, é fundamental percebermos a espessura das fortalezas qual estamos ora dentro, ora fora. Estar dentro dessa estrutura é sentir-se protegido pelo poder, pelo glamour e pela estética, engessados pela própria rotina do fazer musical. Tudo que está inserido nela intitula-se como inspiração divina, impossível de ser criada pelo fruto da criação e experiência humana, a genialidade enquanto um ser extraterrestre. O fazer artístico dentro desta estrutura é delineado por rituais e tradições baseadas em uma lei eurocêntrica, branca, cisgênera, conservadora, masculina e cristã. O preceito do bem e do mal, do bom e do ruim, tal como uma religião, condena o que há fora dessa fortaleza, segregando o que é sagrado e o que é profano.

Uma memória sobre não poder usar turbante em uma apresentação de canções alemãs.

A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado (FANON, 1952. P.90)

Esta primeira parte da reflexão é estreitamente relacionada com a perspectiva de um personagem que está, ora dentro e ora fora desta fortaleza e que concentra maior parte dos estudos numa reinterpretação do que dizem ser tradicional. Reconhecer ao mesmo tempo as belezas e as concepções racistas, machistas e limitadas sobre um mundo que não existe mais; se existe, que não faça pessoas sangrar. Reinventar uma criação humana por um ser humano e vivo; tal como pintar um urso de verde aos 4 anos de idade.

O segundo viés, da implosão, é a reflexão do outro, da percepção de sociedade enquanto diversidade e das grandes possibilidades no cruzamento destas realidades plurais. Possibilitar a troca, a autonomia do artista enquanto um indivíduo com vivências. Transpassar formas e linguagens. Ser afetado. Propiciar uma nova tropicália⁸ para as diversas expressões artísticas que temos ao nosso redor.

O compromisso com a diversidade cultural é enfatizado pela Arte/Educação pós-moderna. Não mais somente os códigos Europeus e Norte Americanos Brancos, porém mais atenção à diversidade de códigos em função de raças, etnias, gênero, classe social etc. Para definir diversidade cultural, nós temos que navegar através de uma complexa rede de termos. Alguns falam sobre multiculturalismo, outros sobre pluriculturalidade (PCN), e temos ainda o termo a meu ver mais apropriado - Interculturalidade. Enquanto os termos “Multicultural” e “Pluricultural” significam a coexistência e mútuo entendimento de diferentes culturas na mesma sociedade, o termo “Intercultural” significa a interação entre as diferentes culturas. Isto deveria ser o objetivo da Arte/Educação interessada no desenvolvimento cultural. Para alcançar tal objetivo, é necessário que a Escola forneça um conhecimento sobre a cultura local, a cultura de vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações. Grande ênfase vem sendo dada aos projetos de Arte / Educação que demonstram o mesmo valor apreciativo pela produção erudita e pela produção do povo e que estabelecem um relacionamento entre a Cultura da Escola e a Cultura da Comunidade, por mais pobre que seja a Comunidade. Arte/Educação baseada na Comunidade é uma tendência contemporânea que tem apresentado resultados muito positivos em projetos de educação para a reconstrução social, quando não isolam a cultura local, mas a discute em relação com outras culturas. (BARBOSA, 2003, p. 3)

A utopia, ou o sonho, que muitos sonham e se empenham juntos está no diálogo do que está dentro e fora dessa fortaleza. Ser enfim, um cavalo de tróia⁹ que possa afetar ao outro sigilosamente (ou digladiar, quando necessário) e criar um consciente coletivo sobre o espaço qual vivemos e sobre as fronteiras de olhares tão individualistas.

Há um pensamento construído de que, a sociedade representada por esta fortaleza, assimile que tudo ao centro é valioso, enquanto a periferia ou tudo que se distancia perde seu valor, tão como assimilamos os limites de nossa cidade.

⁸ Tropicália: Movimento cultural brasileiro ocorrido em 1968, influenciando a música, o cinema, o teatro, a literatura e as artes plásticas. Desejava desmembrar o elitismo e o nacionalismo cultural, propiciando o encontro de diversas formas de expressão, popularizando um novo conceito de música popular brasileira.

⁹ Cavalo de tróia: Malware cibernético; um código malicioso imputado disfarçadamente em um programa de computador legítimo afim de não ser identificado por aplicativos de proteção de vírus.

CENA 4: A LOUCURA: ATÉ ONDE MINHA VOZ IRÁ PROJETAR?

“Acabou a teta gorda”

Sobre a Lei Rouanet, por aquele que não deve ser mencionado, 2021

A cena da loucura éposta diante um olhar um tanto paradoxal; o olhar consegue visualizar o limite de uma lobotomização universitária diante a guerra a ser enfrentada afora, tal como a alegoria da caverna de Platão. As exaustões dos anos na academia acabam fragilizando meu grito enquanto arma: será que as vozes, os dedos, os corpos que saem daqui estão preparados para tal confronto? E aqui, elenco o confronto como diversas questões a serem enfrentadas: a escassez nos principais espaços de trabalho, a reprodução pedagógica e artística baseada em conceitos totalmente desvinculados à realidade, a opressão de um “belo” hegemônico, a ideia da meritocracia enquanto uma perspectiva “igualitária”, a reiteração da tradição cultural enquanto única expressão artística legítima e, em muitos casos, a desvinculação da atividade musical pela falsa percepção de uma utopia.

- Como posso existir dentro de meus anseios musicais e, ao mesmo tempo, contrapor a este pensamento excludente, sobre as lutas pelo reconhecimento individual e da coletividade, pelos direitos de existência e sobre minhas percepções do presente, do agora? A performance qual fui instruído em maior parte de meu processo pedagógico contemplava a negligência do eu, dos questionamentos e das percepções de mundo escancaradas em minha volta. Tenho tanto a dizer...o que eu ouço, o que eu sinto, o que eu vivo. Sinto que gostariam de me exorcizar e reencarnar em meu corpo vivências e vozes que não são minhas, tão pouco fizeram parte de minha existência. Vozes que já tiveram seus momentos no espaço-tempo; momentos estes importantes para percebermos que a conservação da memória e das existências são fundamentais, mas não totalitárias, definitivas. Não desejo impor. Aprendi o que foi imposto e agora tenho a possibilidade de propiciar escolhas, diálogos – o que isso me atravessa? Como posso ser um atravessador? O que as trocas têm a dizer?

No que diz respeito à cultura local, pode-se constatar que apenas o nível erudito desta cultura é admitido na escola. As culturas de classes sociais baixas continuam a ser ignoradas pelas instituições educacionais, mesmo pelos que estão envolvidos na educação destas classes. Nós aprendemos com Paulo Freire a rejeitar a segregação cultural na educação. As décadas de luta para salvar os oprimidos da ignorância sobre eles próprios nos ensinaram que uma educação libertária terá sucesso só quando os participantes no processo educacional forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele. Isto não significa a defesa de guetos culturais ou negar às classes baixas o acesso à cultura erudita. Todas as classes têm o direito de acesso aos códigos da cultura erudita porque esses são os códigos dominantes – os códigos de poder. É

necessário conhecê-los, ser versado neles, mas tais códigos continuarão como um conhecimento exterior a não ser que o indivíduo tenha dominado as referências culturais da sua própria classe social, a porta de entrada para a assimilação do “outro”. A mobilidade social depende da inter-relação entre os códigos culturais das diferentes classes sociais. (BARBOSA. 1995 p.3)

Dentre tantas questões individuais, é impossível ignorar o marco político que foi desdobrado neste período. Eu escrevo, pois não podemos esquecer do passado.

Entre 2018 ao momento que aqui escrevo, e aqui escrevo sobre o poder da palavra, do quanto estamos fragilizados por confiar nosso trabalho e nossa vida a arte. Neste período nefasto, somado ao mercado escasso, os amparos destituídos; as políticas de subsídio e investimento só ocorreram com grande luta; durante os quatro anos, o ministério da cultura, rebaixado para secretaria especial da cultura passou por seis pessoas, dentre eles censuradores de editais de incentivo à cultura ligados a temática LGBTQIAPN+¹⁰, secretários com discursos simbolicamente nazistas – escrevo novamente para que não esqueçamos: um ministro com discursos baseados em Joseph Goebbels na secretaria especial da cultura -, apoiadores da ditadura militar de 1964; o incêndio da Cinemateca Brasileira e destruição de parte do patrimônio cultural audiovisual.

Diante tamanho desastre, imensurável, a sobrevivência e a arte se entrelaçam enquanto resiliência, não apenas de mero entretenimento. Consigo expressar, o quanto fui capaz de continuar seguindo, inclusive com a monografia qual aqui escrevo. No dia 30 de outubro de 2022 pude relembrar que há um responsável pela qual a primeira geração de universitários de minha família fomos eu e meus irmãos; relembrar num discurso que arte existe e resiste.

“O povo brasileiro quer viver bem, comer bem, morar bem. Quer um bom emprego, um salário reajustado sempre acima da inflação, quer ter saúde e educação públicas de qualidade. Quer liberdade religiosa. Quer livros em vez de armas. Quer ir ao teatro, ver cinema, ter acesso a todos os bens culturais, porque a cultura alimenta nossa alma. O povo brasileiro quer ter de volta a esperança.... Enfrentar sem tréguas o racismo, o preconceito e a discriminação, para que brancos, negros e indígenas tenham os mesmos direitos e oportunidades. Só assim seremos capazes de construir um país de todos. Um Brasil igualitário, cuja prioridade sejam as pessoas que mais precisam. Um Brasil com paz, democracia e oportunidades.” (INÁCIO LULA DA SILVA, LUIZ. Discurso de vitória da eleição presidencial brasileira de 2022)

¹⁰ **LGBTQIAPN+:** Sigla que abrange identidades de pessoas Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e ademais.

ATO 2: EXPIRAR, ou o que vem de dentro

MEMÓRIA 1: DO CORPO INVISÍVEL

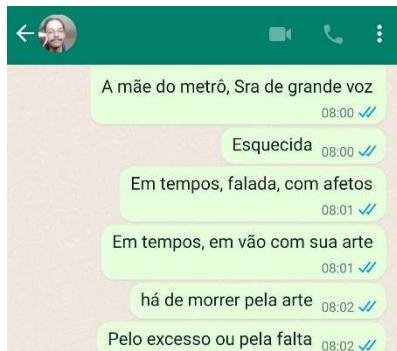


Figura 1, Setembro de 2019

Flashbacks. O primeiro, certamente, em um Natal do século passado. Na televisão, a missa do galo é celebrada, acompanhada pelo jantar da ceia, servida apenas à meia-noite, como tradição. A notícia, latente em minha mente: “Soprano judia canta Et Incarnatus Est (da missa em dó menor, de W.A.Mozart). O interesse pela música de concerto desde então o persegue.

A outra memória era cenográfica: o bairro – a periferia – e o centro – ‘a cidade’, como era apelidada pelos parentes do personagem central. A ‘cidade’ era signo de status - só era possível chegar nela através de transporte motorizado; os dizeres eram de que o lugar requintado resguardava teatros, música e pessoas da alta sociedade – um lugar que não contemplava meu corpo nem de meus parentes.

Ainda na infância, a referência musical era eco da escuta de meus pais, marcados principalmente pelas modas de viola da Viola, minha viola¹¹ (que no início era uma tortura, já que o programa dominical era colocado com volumes altíssimos logo pela manhã) e dos cantores de rádio deste período. Com o passar dos anos, já com o advento da internet, foi possível visitar os lugares impossíveis. Alguns lapsos de memória sobre os três tenores (grupo formado pelos cantores espanhóis Plácido Domingo e José Carreras e pelo cantor italiano Luciano Pavarotti) e as interseções das divas pop dos anos 90. Das memórias que acompanham a adolescência, Evanescence, Foo Fighters, Linkin Park, Red Hot Chili Peppers. Para a negritude do círculo familiar, sobravam duas opções: o RAP, evidenciado pelos RACIONAIS,

¹¹ Viola, minha viola: Programa musical televisivo de 1980, produzido pela TV Cultura de São Paulo. Entre contos e intervenções musicais, seu formato mesclava a cultura regional e caipira brasileira.

qual não poderia ouvir sem possíveis dúvidas familiares de envolvimentos com a marginalidade.

Tem que acreditar. Desde cedo a mãe da gente fala assim: filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor. Aí passado alguns anos eu pensei: como fazer duas vezes melhor, se você está pelo menos cem vezes atrasado... pela escravidão, pelo preconceito, pela história, pelos traumas, pelas psicoses, por tudo que aconteceu? Duas vezes melhor como? Você é o melhor ou é o pior de uma vez. Sempre foi assim. Se você vai escolher o que estiver mais perto de você ou o que estiver dentro da sua realidade, você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí? (RACIONAIS MC'S. A vida é um desafio. São Paulo. Cosa Nostra. 2002)

Betty Wright, Noriel Vilela, Marvin Gaye, Jorge Ben Jor e Os Originais do Samba eram o clímax das comemorações. Vozes que ecoaram e ainda hoje permanecem delineando os passos de dança coletivo nas festividades.

O lugar do ‘lírico’ não parecia um lugar que eu pudesse frequentar tal como era inconcebível frequentar castas tão distintas ao mesmo tempo. Não era um lugar conectado com o que eu participava. Nenhum cantor pelo qual pudesse me identificar, de fato, dentro de todas as camuflagens como pseudo caucasiano que assumia ser, mesmo considerando a música e as vozes negras minhas maiores referências. Um tanto quanto ambíguo.

Estudar música clássica era um título de branquitude, de aceitação, qual era “almejado” por anos, mas neste período era um atestado de comprometimento com uma música branca e européia e uma desvinculação das referências e dos traços coletivos de meus antecedentes – era inconcebível apreciar tais estilos tão distintos ao mesmo tempo. Estar dentro da música clássica poderia representar uma ascensão, uma aceitação e uma certa glória daquilo que sempre me foi posto como prestígio. O sonho tomou cada vez mais forma com a vinda do programa de auditório “Raul Gil” na rede Record com a aparição de duas estrelas, Reinaldo e Liriel, dois cantores de música de concerto que fizeram grande sucesso nos anos 2000 – Reinaldo, que era um morador de rua e foi descoberto pela TV era mais um atestado de que a música salvava. Juntos formavam o ideal de Tenor e Soprano, a representação fiel de um casal cantando duetos de amor tal como vemos nas óperas italianas.

Com o passar dos anos, conheceu a ‘cidade’ e todo sistema arquitetado por ela. Marian Anderson, Leontyne Price, Jessy Norman, Edna Oliveira tornaram-se repertório.

se
percebeu
quebrando
b a r r e i r a s
invisíveis

Relembrando Fanon, eu diria que a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo. A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (MAE BARBOSA, Ana. 2003. P. 2)

MEMÓRIA 2: LIGUE OS PONTOS PARA UM DESENHO SER (RE)CONHECIDO

Pinte o animal de acordo com sua cor original: e assim surgiu um urso pintado à caneta verde. Já que nunca havia visto um urso presencialmente, imaginei. Assim um dos primeiros conflitos escolares que me vem à lembrança, a repreensão do não comum, do não usual. Nos anos seguintes a pedagogia dos conhecimentos básicos de maneira fragmentada se contrapõe com o que é natural, entrelaçando percepções de mundo, qual conhecemos hoje como interdisciplinaridade¹².

A adolescência foi preenchida por muito estudo; uma certa sentença que hora e outra aparecia nas falas dos pais, pelo qual sou eternamente grato. O impulso veio com uma necessidade de exclusão, tempos depois entendidos como um medo da sua percepção enquanto indivíduo. O cabelo, raspado para um disfarce caucásiano. As atitudes, um tanto tímidas e introspectivas para evitar qualquer dúvida sobre sua sexualidade. Era melhor não ser notado. Uma necessidade de ser aceito. Percebo que, talvez, o medo tenha norteado meu processo educativo, já que ser inteligente era passível de afeições e elogios.

¹² Educação interdisciplinar ou Interdisciplinaridade é uma prática pedagógica que propõe relacionar de maneira reflexiva e prática a intersecções de diversas ciências para a formação de um pensamento amplo sobre as áreas de conhecimento.

É utópico esperar do preto ou do árabe que se esforcem para inserir valores abstratos na sua *Weltanschauung*¹³, quando eles mal conseguem comer o suficiente para matar a fome. Pedir a um preto do alto Níger que se calce, denunciar que ele é incapaz de se tornar um Schubert, não é menos absurdo do que ficar admirado porque um operário de Berliet não dedique suas noites ao estudo do lirismo na literatura indiana, ou declarar que ele nunca será um Einstein. (FANON, Frantz. 1952. P.92)

A trajetória profissional, foi uma espécie de esteira, desde o ensino médio, tal como uma necessidade que o mercado de trabalho precisava. A escolha, maior parte das vezes, é atrelada ao retorno financeiro, enquanto as necessidades individuais são realocadas para um hobby¹⁴. Pouco tenho de recordação durante os anos de ensino fundamental e médio sobre meus aprendizados sobre a arte. A aula de educação artística e filosofia, minhas prediletas, pouco se relacionavam sobre os questionamentos que a arte permitem. A educação física, pouco se desenvolvia enquanto os esportes e a percepção que possuímos sobre nosso corpo, pelo contrário, um puro exercício de competitividade machista.

Aqueles que defendem a arte na escola meramente para liberar a emoção devem lembrar que podemos aprender muito pouco sobre nossas emoções se não formos capazes de refletir sobre elas. Na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a Arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estamos oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo, nem no sentido emocional. (MAE BARBOSA, Ana. 2003. P. 4)

Os estudos encaminharam-se para a faculdade: A primeira geração da família a entrar em uma universidade.

A primeira universidade, em Tecnologia, não foi uma escolha enquanto indivíduo. Não havia tantas opções, mas a necessidade com toda certeza mirava para o trabalho fixo formal e um salário adequado para que pudesse ajudar a família. E assim foi. Não existem tantos relatos interessantes desta primeira etapa – entramos tão apressadamente num ciclo de estudo, trabalho, salário e contas a pagar que pouco pude dialogar com os que lá estavam. Um indivíduo enquanto ambições financeiras, mas também solitário enquanto sociedade.

Sinto que minha memória se reativa em 2016, ao iniciar os estudos musicais. Na faculdade, a recordação de entrar em um projeto social chamado Sabiá. O intuito era levar arte, suas experimentações e reflexões para escolas públicas da periferia. Em uma das primeiras atividades nas escolas, após um dueto de ‘Sem Fantasia’, de Chico Buarque, cantei

¹³ *Weltanschauung* do alemão, visão de mundo. Conjunto de concepções pessoais ou coletivas sobre o mundo real que é presenciado.

¹⁴ Hobby é atividade exercida como forma de lazer ou distração, relacionada a um prazer específico do indivíduo.

Automne¹⁵ do compositor francês Gabriel Fauré. Em seguida, numa roda de diálogo, escutei de um aluno que nunca havia escutado 'essa forma de cantar' ao vivo, "só ouvi isso em algum filme, algo assim", dizia ele. Lembrei do pequeno Guilherme.

Reflito que a construção de minha identidade, diante de tantos processos de imposição social e pedagógica, capacita uma existencialidade associada em maior parte na identidade para os outros, como sugere Christine Joso.

É por isso que todo projeto de formação cruza, à sua maneira e nas palavras de seu autor, com a temática da existencialidade associada à questão subsequente da identidade (identidade para si, identidade para os outros). Um dispositivo de formação que, por pouco que seja, integre a reflexão sobre esse projeto, a partir, por exemplo, de uma análise de histórias de vida dos aprendentes, pode, desse modo, ver aflorar e penetrar nas preocupações existenciais dos aprendentes adultos. Assim, a questão do sentido da formação, vista através do projeto de formação, apresenta-se como uma voz de acesso às questões de sentido que hoje permeiam os atores sociais, seja no exercício de sua profissão – eles se assumem como porta-vozes dos problemas dos grupos sociais com os quais operam –, seja nas vivências questionadas e questionadoras de sua própria vida. No centro das preocupações se aloja, mais ou menos explicitamente expressa, a questão da identidade, sob a forma de temáticas como a da solidariedade numa sociedade que multiplica as formas de exclusão, a das pertenças ou das estratégias profissionais ligadas à estabilidade no emprego, a das transformações subsequentes ao desaparecimento de setores de atividade ou às restrições orçamentárias, a dos meios de defesa e de reivindicação, por exemplo, a da maneira pela qual o círculo de relações e as mídias levam em consideração ou não feridas psíquicas e somáticas geradas por tantas incertezas, de perdas econômicas e de dignidade. (CHRISTINE JOSSO, Marie. 2007. P. 2)

¹⁵ Automne em francês, Outono.

UM ESPELHO QUE PERCEBO E CONSTRUO

Oposições sempre revelam algo.

Percebemos muito tarde o quanto as limitações de nossos movimentos influenciam drasticamente nosso processo de aprendizado; na pré-escola, podemos relembrar com pouca nitidez os longos períodos de imobilidade numa sala de aula enquanto memórias geralmente são mais vivas quando pensamos nas brincadeiras no recreio ou as atividades esportivas e artísticas, como peças de teatro ou coreografias de festa junina. A imobilidade também é uma forma de opressão. Outro exemplo são os rituais das religiões cristãs e as religiões de origem africanas, onde o movimento, ou a falta dele, é uma forma de contenção ou adestramento. Impossibilitar experiências corporais (aqui completamente conectados à performance vocal) é negligenciar a relação que nossos corpos poderiam experienciar: o encolhimento e a expansão, a tensão e o relaxamento, o controle e o reflexo, a sensibilização e compreensão do erro e do acerto; de todas as possibilidades que um indivíduo poderia experimentar e, a partir daí, criar seu próprio ecossistema, entre o equilíbrio do que se sente e do que é necessário alcançar.

De maneira delicada, é difícil aceitarmos as imposições que tomamos para a formação de nossa identidade, principalmente nos momentos mais sensíveis como a infância e adolescência. Vejo de forma bem evidente que a geração alfa (nascidos a partir de 2010) tem colaborado em muito nesta mudança de paradigmas; a sexualidade, a percepção enquanto indivíduo e suas particularidades, o interesse sobre sociedade e política. O que é entendido muitas vezes como *mimimi* é reflexo de não aceitar injustiças ou podas sociais que antes eram consideradas comuns.

Assim, quanto mais o paradigma do singular plural se tornava evidente, através de uma leitura de meu próprio itinerário, confrontada aos saberes construídos a partir das narrações escritas de formação, mais a invenção de si, individual e coletiva, se impôs como um dos benefícios potenciais de um trabalho hermenêutico criativo, ou seja, de uma práxis biográfica formadora e, por isso mesmo, transformadora. Bem entendido, as abordagens biográficas em pesquisa e em educação não podem ser a panacéia universal, elas se apresentam como *uma via de conhecimento* que enriquece o repertório epistemológico, metodológico e conceitual dos educadores, terapeutas e outros profissionais da relação e das transações sociais (como a mediação, por exemplo). Ela enriquece também nosso repertório de “pessoas comuns”, permitindo-nos desenvolver uma consciência do si individual e coletivo mais sutil. (CHRISTINE JOSSO, Marie. 2007. P.24)

Em meu espelho, parte de mim (e de como outras pessoas gostariam que fosse) entende todo esse engasgar como uma grande falta de responsabilidades e dedicações, como se a culpa de todas minhas ausências fosse advinda de mim; tive medos de exprimir aqui o que sinto, o que vejo, o que ouço. Como se não fosse importante. Como se fosse uma atitude narcisística demais. Parte de mim, diante de tantas palavras lidas até o momento, como de Conceição Evaristo, percebo que minha palavra também é poesia.

Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.

Quando meu olhar
se perder no nada,
por favor,
não me despertem,
quero reter,
no adentro da íris,
a menor sombra,
do ínfimo movimento.

Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,
não me forcem.
Caminhar para quê?
Deixem-me quedar,
deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.

Conceição Evaristo
Da calma e do silêncio

MONÓLOGO: O ANTÍ-CURRÍCULO E O ‘CAÇA COM GATO’

As bases que aprendi são as mesmas de séculos atrás – tudo que construí foi baseado em estruturas que não estão em meu corpo. Com a ciência, aprendi a reproduzir um estado.

Perceber meu anti-curriculum, tudo que não sou, mas tudo que posso construir a partir deste ponto; recapitular minhas ausências – ou o quanto deixei de mim para criar uma ilusão daquilo que esperavam. Uma compreensão gentil e sincera de como Guilherme pode construir adiante. Importante citar que tais impressões são lapsos de pensamentos que fazem parte da construção deste artista.

Os olhos têm mirado cada vez mais aos céus,
Ganhamos o privilégio de contemplar novas cores...

Os ouvidos, para dentro e para fora.

Parece que minha casa
Já não tem mais paredes....

09 de Setembro de 2021

Defino aqui, o anti-curriculum, como fórmula para negar todas as experiências sobre a arte de cantar, tal como uma forma explícita de pensamentos e questionamentos interconectados entre a profissão, o profissional e o meio.

Começo singelamente pela minha voz – ou tudo que vem de dentro para fora – que consideram não apropriada pela estética oculta e sigilosa que desejam. As validações, pelas quais criamos uma espécie de rejeição, são ótimos modelos para não sabermos do que precisamos para seguir (ou um exercício imaginário de nossas percepções sobre caminhos ainda não alcançados).

Em seguida, percebo que sou uma máquina de provar. Estar em constante estado de teste, validação. Na maior parte de tempo, esquecer de fazer música – e todos os processos necessários para que seja, conscientemente, bem executada.

Ainda neste relato, também indico aqui uma persona completamente complexada em suas inferioridades. Esse eu é o mais evidente e que não é cabido para o mercado, reflexo de não, comparações e da ausência do ‘erudito core¹⁶’.

¹⁶ Core é um termo tecnológico, adotado principalmente em redes sociais do século XXI, relacionado à estética relativa a algum adjetivo. Como exemplo, erudito core são todas as influências estéticas aparentes ou subjetivas relacionadas a um cantor erudito (alta camada social, frequentador e atuante em diversos teatros, vestimentas sempre em grande finesse, poliglota)

Em muitas ocasiões o discurso ‘do que não temos’ é encarado como a vitimização de um ser vivo ocioso, e, de fato, é um local propício para tal comportamento. Em meio a tantos questionamentos é preciso se afirmar: Reconhecer as ausências para que possamos construir presenças.

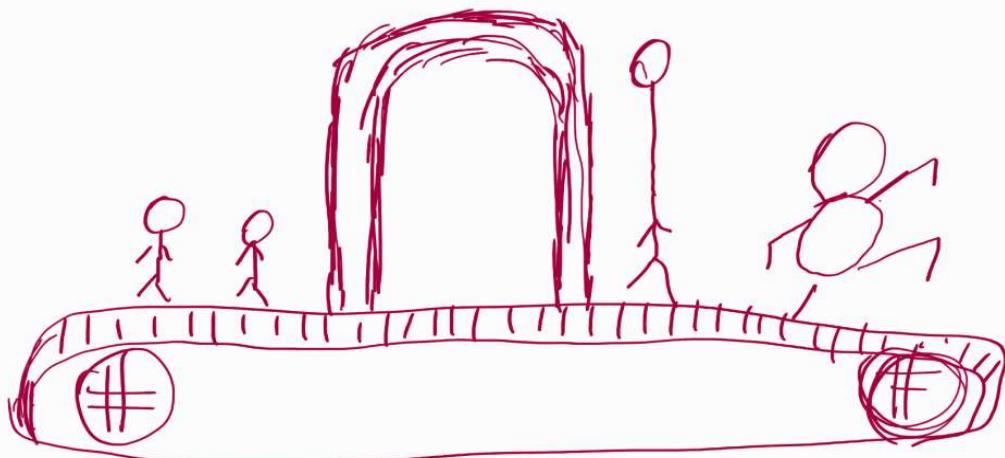


Fig. 2 – Individualidade do artista.

No paroxismo da dor, só há uma solução para o infeliz preto: provar sua branura aos outros e sobretudo a si mesmo.

Se não posso mudar de cor, quero a Aventura. (FANON, Frantz. 1952. P.179)

Todas as declarações explicitadas acima neste anti-curriculum estão em constante mudança – dificuldades são encerradas para que novas possam ser abertas. Este texto é datado, podendo não corresponder à mesma percepção em uma futura realidade.

Assinado,
Guilherme Nascimento Gimenes Araújo
Novembro de 2022

UM TEXTO PARA MIM E PARA OUTROS EUS

Tenho refletido sobre meu anti-curriculum. Sobre o quanto minhas constrições fisiológicas são atributos construídos com base em minhas faltas, ou naquilo que eu mesmo exclui para tornar-se parte. É incrível o quanto esse poder invisível age sobre nós; há momentos que me questiono se realmente sou negro; melhor dizendo, se sou o negro que trabalhou enquanto dormiam; aquele que obteve crédito pela meritocracia de seu trabalho, ou apenas um simples trabalhador da arte - e apenas isso, de forma modesta, já que grande parte de sonhos que foram computados a mim sequer eram de minha vontade.

Parte de mim, a qual agradeço carinhosamente, relembra o real significado de resistência e representatividade. As questões que atravessam Guilherme são cenas idênticas em cenários semelhantes – os personagens da trama partilham dos mesmos traumas, os mesmos questionamentos.

E aqui, sobre a resiliência, gostaria de destacar: O ato de abdicar é tão digno quanto o enfrentamento. A resiliência deve conciliar nossas possibilidades sociais, econômicas e principalmente, mentais. Espaços poderiam ser abertos para contemplar tantas inquietações com o mundo como também devemos lembrar da pequenez do ser artista diante tantas possibilidades que o mundo nos oferta.

Eu canto, pois eu falo; canto para abrir frestas e feridas; meu vômito – é a maneira que encontrei de expurgar os questionamentos sobre o que vejo no mundo.

Vir de outra área qual não da performance vocal imputou em mim uma carga psicológica sobre minha função enquanto artista. A vocação e o dom, sobre mim estampados, não passam por ser apenas uma vontade, uma curiosidade, talvez. Um anseio em ser gentil com o mundo – é assim que me expresso e gostaria de ser reconhecido; sem preciosismos, sem virtuosismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Rodrigo. **Rodrigo Duarte: Sobre Arthur Danto.** Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a6IeRjJFuoE> . Acesso em: 06 de out. 2021. 14:02:07

SANTOS MOURA, Eduardo Junio. **Arte/Educação Decolonial na América.** Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 1, p. 31-34, Jan-Jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9689>

COSTA, Rachel. Dois Pontos: **Após o fim da arte europeia: uma análise decolonial do pensamento sobre a produção artística.** Curitiba (PR), São Carlos (SP) v. 15, n. 2, p. 89-98, setembro. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/62705>

MAE BARBOSA, Ana. **Educação e Desenvolvimento Cultural e Artístico.** Educação & Realidade, São Paulo, SP, v. 20, n. 2, p. 9-17, Jul-Dez. 1995. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71713>

MAE BARBOSA, Ana. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte.** São Paulo: Cortez Editora, 2003.

CHRISTINE JOSSO, Marie. **A Transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Porto Alegre, RS. P. 413-438. 2007

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. P. 90, 92, 179

MC'S, Racionais. **DVD - Mil Trutas Mil Tretas - A vida é desafio.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4PNmrGkiXUE> . Acesso em: 10 novembro 2022.

LOPES, Adriana Carvalho. Funk-se Quem Quiser: no batidão negro da cidade carioca. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2011 *apud* ALVESDESOUZA, Thiagson. O Funk Theatro Municipal de SP: os que creem em racismo reverso e a aversão ao funk. São Paulo: Editora, 2022.